

UM ENCONTRO INCLUSIVO: FAMÍLIA E ARTE NA ESCOLA

Larissa Antonia Bellé¹

PPGAV - UDESC

Levando em consideração a minha prática como professora de artes na rede estadual licenciada em Artes Visuais e preocupada com a ausência dos pais, responsáveis e/ou familiares² dos/as alunos/as³ na escola - embora esse distanciamento muitas vezes seja provocado pelo cumprimento de horas excessivas de trabalho, excetuando-se em alguns momentos como entrega de boletins e festas temáticas - resolvi colocar em ação o projeto **Sábado Cultural: Integrando a Família e a Escola através da Arte.**

Idealizado a partir do anseio em trazer os familiares para pisarem no “chão da escola”, sentirem - se bem com isso, participarem de um momento educativo em família e a fim de valorizar o ensino de arte perante a comunidade iniciei o projeto na escola em que atuo, Escola de Educação Básica Belisário Ramos, pertencente a 27ª Gerência Regional de Educação/GERED.

A escola situa-se a um quilômetro do centro da cidade de Lages, atendendo a um número aproximado de oitocentos alunos, desde a 1ª série⁴ das Séries Iniciais do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Os alunos são provenientes de famílias de classes sociais distintas, com pais e/ou responsáveis trabalhando nas mais diversas atividades.

O projeto aconteceu no ano de 2009 propondo aos familiares uma aula de Artes com seus/suas filhos/as em nossa escola, na sala de Artes, com duração aproximada de uma hora.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais-PPGAV pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC sob a orientação da prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Arte e Inclusão UDESC/CNPq.

² Para facilitar a leitura denominarei de ‘familiares’ todas as pessoas que acompanharam os alunos no projeto, tais como pai, mãe, avô, avó, tio, tia, padrinho, madrinha ou responsável pela criança na ausência de um destes. Quando utilizar a expressão ‘grupo familiar’ envolve todos da família presentes no projeto, inclusive irmãos/ãs e primos/as. Importante ressaltar que as famílias atualmente sofreram transformações com organizações nucleares diferenciadas das que tínhamos em tempos passados.

³ Uso o termo ‘os/as’ para valorizar o gênero feminino, não priorizando no texto apenas a terminologia masculina, apesar de ainda deixá-la em primeiro plano.

⁴ A Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina ainda utiliza o termo ‘série’ e não ‘ano’.

Cerca de dois meses antecedendo ao projeto foi enviado um instrumento de investigação em que se perguntava a importância da disciplina de Artes na visão dos familiares, se havia interesse na participação de uma aula de artes com seu/sua filho/a e que escolhessem um período do sábado mais viável, disponibilizando dois horários no período matutino e dois no período vespertino.

Usamos um instrumento de investigação quando queremos conhecer melhor nosso objeto de estudo, que no meu caso, era colher informações dos familiares sobre a valorização e a importância que davam ao ensino de arte e se havia o interesse dos familiares na participação de uma aula de artes na escola. Para entendermos melhor, cito Lakatos e Marconi (1985), ao definirem como instrumento de investigação a técnica que permite recolher informações através de questionário por escrito apresentado a pessoas.

Foram estipulados critérios para participar do projeto como a entrega do instrumento de investigação e a presença de pelo menos um familiar, pois o objetivo era vivenciar as experiências artístico-pedagógicas das crianças, aproximando a escola e a família. Colhido o instrumento durante dois meses e percebido a aceitação da proposta para a viabilidade do projeto, enviamos o cronograma aos familiares.

O projeto ocorreu nos sábados, justamente por ser um dia em que muitos familiares estão de folga de suas ocupações profissionais. Foram ofertados quatro horários, dois pela manhã e dois a tarde, procurando contemplar as crianças em que os familiares trabalham, podendo assim adequar o horário que melhor lhes convém. Apesar de o projeto ocorrer aos sábados, ainda teve crianças que não puderam participar porque seus familiares trabalhavam neste dia.

Também pôde participar tios, avós, padrinhos e padrastos na impossibilidade dos pais, porém estipulei que cada criança pudesse levar no máximo dois familiares, já que o ambiente -a sala de Artes- poderia se tornar pequeno para abrigar todos. No entanto, teve crianças que trouxeram sua família completa e o espaço abrigou todos.

No início pensei que o projeto não teria uma participação expressiva, afinal tratava-se de um projeto inovador e pioneiro na escola em que atuo e na região onde moro. Abrir os portões da escola em um sábado a fim de trazer a família para uma aula não faz parte da dinâmica das escolas em geral. Mas a cada horário e a cada sábado que o projeto fluía percebi a vontade e a disposição das famílias em participarem de um momento educativo juntos, e porque não dizer, este momento foi também de descontração, visto que hoje as famílias dificilmente conseguem se reunir para desfrutarem de momentos de cultura e de lazer.

O projeto ocorreu em quatro sábados, sendo o primeiro, com as 4^{as} séries sobre "Máscaras Africanas" enfocando o "Dia da Consciência Negra", pois a realização do projeto coincidiu com esta data. Usei imagens do mapa da África e de diversas máscaras africanas, uma vez que, acredito ser impossível falar de arte em sala de aula sem mostrar imagens de arte, instigando assim, a leitura, a fruição e a reflexão e fazendo ligações com nosso cotidiano, "desse modo, uma leitura se torna significativa quando estabelecemos relações entre o objeto de leitura e nossas experiências de leitor" (PILLAR, 1999, p.15).

Dentro de uma visão de ensino voltada para o multiculturalismo crítico, do qual acredito, é primordial falar em África mostrando a imagem do seu mapa, sua localização geográfica no mundo, rompendo com o senso comum de que se trata apenas de um país, desconhecendo-se que é um continente com cinquenta e quatro países e uma gama imensa de povos com suas ricas culturas, seus costumes e suas línguas. É primordial falar das máscaras africanas, e lembrar que são criações e expressões que diferem das normas estéticas ocidentais, as quais estamos habituados, e mostrar imagens de máscaras de diversos povos tradicionais⁵ africanos e suas ricas e peculiares características.

Convém ressaltar que a arte africana pela qual optei em trabalhar diz respeito ao período anterior ao colonialismo⁶ da África pela Europa, e os dados contidos de cada objeto de arte que se tem hoje traz poucas informações, pois estes objetos foram tirados do seu contexto e trazidos, em sua maioria, para museus etnológicos e antropológicos europeus, através de saques e pilhagens. Quando falamos em África, as pessoas geralmente remetem ao passado, mas não podemos nos referir a uma África apenas do passado, hoje temos as artes do imenso continente africano com artistas renomados e conceituados no cenário mundial da arte contemporânea.

Para compreendermos um pouco sobre multiculturalismo crítico cito Maclaren (1999, p. 132) que diz: "O multiculturalismo de resistência não compreende a diversidade como uma meta, mas argumenta que a diversidade deve ser afirmada dentro de uma política de crítica e compromisso com a justiça social".

⁵ Segundo Manuela Carneiro da Cunha, povos tradicionais referem-se aos povos que tem um pacto de não agressão ao meio ambiente. A definição de Povos e Comunidades Tradicionais do Decreto 6040 de 7 de Fevereiro de 2007 é: "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição."

⁶ Colonialismo é a política de exercer o controle ou a autoridade sobre um território ocupado e administrado por um grupo de indivíduos com poder militar, ou por representantes do governo de um país ao qual esse território não pertencia, contra a vontade dos seus habitantes.

Por isso, escolhi este tema para trabalhar com a 4ª série, visto que, como educadores/as, precisamos mudar o foco de um currículo etnocêntrico para um currículo que contemple uma prática inclusiva de educação, sem distinções de etnia, classe, gênero ou credo.

Iniciamos assim, uma conversa sobre o repertório que todos dispunham a respeito do tema, em que eu fazia intervenções e contribuições sobre arte e cultura africana e sua importância para a formação cultural do Brasil, levando em conta que,

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, que classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da autoestima e impede a construção de uma escola democrática (GOMES, 2003, p. 77).

Este tema tem sido primordial em minha prática como professora, pois além da sua relevância em desmistificar preconceitos e expor de modo positivo sobre a cultura afro, com respeito e valorização, existe a Lei 10.639 em vigor desde 2003 que estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a temática “História e Cultura Afrobrasileira”, em especial nas áreas de Educação Artística (Artes), Literaturas e História Brasileiras.

Percebi muitos olhares curiosos e surpresos com o tema, pois meu discurso parecia romper conceitos, quebrar preconceitos ao introduzir uma história da África que muitos familiares relataram que não tinham visto nos bancos escolares na época em que estudaram.

Após uma reflexão teórica e imagética, cada grupo familiar criou uma máscara seguindo padrões estéticos africanos frisados anteriormente, ao som de músicas africanas, lembrando que “a arte da África, ou a cultura material de dinastias, etnias e micro etnias africanas, nada tem a ver com as preocupações estéticas ocidentais” (SALES, 2005, p. 163).



Figura 1: Aluna Rochelle e seu pai criando uma máscara
Fonte: Foto tirada pela autora

Distanciarmos de nossos padrões culturais, por algum momento, para compreendermos o diferente não é tarefa fácil, mas penso que, como educadores/as temos o dever, como salienta Silva (2004) entender a cultura do outro como diferente e não como inferior, tornando-se um desafio para os educadores/as que no cotidiano ainda veiculam uma visão etnocêntrica da cultura dominante.

No primeiro horário deste dia tivemos a visita de um grupo de professores da rede estadual e a supervisora do Ensino Médio que estavam em curso na GERED, localizada ao lado da nossa escola e ao participarem das primeiras discussões, senti a vontade destes profissionais em aprender mais sobre a África, quando um deles comentou: “Esses conteúdos não vimos na faculdade”, outro disse “Eu não aprendi desta forma”. Com base nessa experiência solicitaram que um curso fosse destinado aos professores, para que aprofundassem mais seus conhecimentos neste tema.



Figura 2: Professores visitando o projeto e familiares e crianças participando do projeto (à esquerda)

Fonte: Foto tirada pela autora

O segundo encontro aconteceu com as 3^{as} séries que teve como tema "O Surrealismo na Arte", refletindo sobre imagens de obras de artistas como Salvador Dalí, René Magritte, Marc Chagall, Joan Miró, o artista catarinense Meyer Filho e o artista lageano Clênio Souza para que então os grupos familiares criassem um relógio surreal, que não tivesse a função de registrar o tempo como o conhecemos, mas que fosse ilógico e absurdo, com características que o movimento surrealista preconizava em seus trabalhos artísticos e literários.



Figura 3: Os pais também marcaram presença, aqui a aluna Amanda com seu pai, rodeados de muitas mães com suas filhas

Fonte: Foto tirada por Hilda Julio Vieira

Foi muito interessante ouvir da avó de duas alunas que “No meu tempo eu fazia crochê na aula de artes, não sei fazer isso” e com o apoio das netas/alunas ela ganhou confiança e as três realizaram a atividade em conjunto.



Figura 4: A aluna Júlia com a mãe e a avó
Fonte: Foto tirada por Hilda Julio Vieira

O terceiro encontro foi a vez das 2^{as} séries com dois momentos, sendo que no primeiro, trabalhei com o encarte pedagógico quinzenal “Lendo e Relendo” do jornal local “Correio Lageano” que trazia como tema naquela quinzena o ensino da música nas escolas e sua importância. Cada grupo familiar recebeu um encarte, com explicações minhas do que se tratava este material, o qual é distribuído e utilizado nas escolas cadastradas e então fomos ‘passeando’ pelo jornal, analisando desde a imagem da capa, lendo os textos pertinentes a inserção da música na escola até o fim do encarte com a realização do Caça-palavras sobre palavras de instrumentos musicais.

Segundo o site www.correiolageano.com.br (2010)⁷, quando produzimos o jornal, imaginamos o quanto ele é importante na sala de aula e para o desenvolvimento socioeconômico, histórico e cultural, pois ajuda os professores como instrumento pedagógico, como recurso e apoio didático para os alunos, que têm contato direto com a realidade de sua própria comunidade. É nesse sentido que a comunidade se faz presente nas páginas do jornal e, também, nos bancos escolares.

⁷ Disponível em:< http://www.correiolageano.com.br/lendoerelendo/comunidade_participativa.html>. Acesso em 16/01/2011.

Deixei claro aos familiares que minha formação é licenciatura em Artes Visuais, priorizando em minhas aulas a linguagem artística na qual sou habilitada, porém a Lei n.º 11.769 promulgada em 2008 define que as escolas públicas do país terão três anos para inserir no currículo da educação básica o ensino da música.

Apresentei aos pais os ‘mascotes’ do “Lendo e Relendo”, os quais as crianças já conheciam e que simbolizam o encarte pedagógico e apresentam os conteúdos e atividades: o “Lageaninho, o Releco e a Jornalina”.



Figura 5: João com sua mãe fazendo o Caça-palavras do Lendo e Relendo

Fonte: Foto tirada por Hilda Julio Vieira

Após este momento, iniciei minha conversa com o tema "Tarsila do Amaral e a brasilidade" cujo destaque foi o estilo modernista de suas obras, a qual enfoca temas sociais brasileiros, a fauna e a natureza brasileira em muitos de seus trabalhos, dando ênfase para a cor e a forma estilizada, o que atrai a atenção das crianças pequenas. Como atividade prática cada grupo familiar moldou com massinha de modelar temas brasileiros que tivessem como referência no seu dia a dia.



Figura 6: O aluno Felipe com os pais apresentando seu trabalho
Fonte: Foto tirada pela autora

No quarto e último sábado as 1^{as} séries tiveram como assunto a “Arte Indígena”, destacando a importância destes povos como os primeiros habitantes do nosso país e o legado que deixaram para a cultura brasileira. A arte nas paredes das cavernas foi realizada a dezenas de milhares de anos atrás pelos indígenas brasileiros, assim como até hoje muitos destes povos ainda cultivam tradições como os trançados nas cestarias, a pintura corporal, a arte plumária, a cerâmica, ricos trabalhos artísticos que mantém viva sua cultura e história.

É importante apresentarmos a arte indígena para as crianças e os familiares, porque além de estarem em contato com uma arte e uma cultura que difere do nosso olhar ocidentalizado⁸, exercita meu olhar enquanto educadora e minha prática dentro de uma visão de ensino de arte na contemporaneidade, pois como diz Silva (2004, p. 130):

Os/as professores/as precisam estar preparadas para compreender os códigos das culturas diferenciadas e o seu contexto de produção, bem como as relações que se estabelecem neste universo em relação aos códigos institucionalizados, não no sentido de adaptá-los a realidade ocidental, mas no sentido de percebê-las e construir um aprendizado fraterno.

Similar a atividade com a 2^a série cada grupo familiar realizou com massinha de modelar elementos brasileiros que tivessem referência com suas vidas e com os povos indígenas, dando valor aos seus costumes e suas tradições, tirando o foco do tema indígena associado apenas com o Dia do Índio e com o folclore.

⁸ Ocidentalizado é o que refere-se a cultura europeia.



Figura 7: O aluno Bruno e sua mãe modelando massinhas.
Fonte: Foto tirada pela autora

Nos idos de 92, Barbosa (2000) escreveu para o Congresso Internacional de Educação em Genebra que a cultura indígena só era tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e de esoterismo. Em 93, para o Congresso SEAPAC em Filipinas, ainda BARBOSA (2000, p. 80) escreveu que, “folclore já é uma denominação colonialista. A palavra e o conceito foram criados pelos ingleses para designar as manifestações artísticas e culturais dos povos colonizados que não seguiam o padrão dominante da cultura inglesa”.

Apesar do tempo decorrido desde suas falas, muitas práticas pedagógicas já evoluíram em nossas escolas, no que diz respeito a cultura indígena, dando-se o devido valor a estes povos, mas há muito ainda a ser construído de positivo nas práticas cotidianas dos educadores/as no que refere-se a este tema.

Em todos os encontros os/as alunos/as e seus familiares socializavam suas criações e explicitavam suas reflexões a cerca de seu trabalho, propiciando uma rica interação e troca de saberes. Também todos os/as alunos/as receberam duas ou mais fotos suas, fotocopiadas em preto e branco com *passepertout*⁹ de momentos das aulas de artes ao longo do ano, para que pintassem com cola colorida. Realmente foi uma surpresa para todos e percebi a felicidade de cada criança e cada familiar vendo as fotos.

⁹ Moldura, portarretrato.



Figura 8: O aluno Ivan, seus pais e sua irmã produzindo suas fotos.
Fonte: Foto tirada pela autora

Apesar de o projeto acontecer dentro do espaço escolar, com conteúdos que eu estava trabalhando previamente com os/as alunos/as, ele teve uma dinâmica diferenciada por conta do dia da semana, não contando como dia letivo, da mescla entre turmas da mesma série e da presença da família, unindo características do ensino formal e não-formal. Segundo Pillotto e Stamm (2007), a educação formal, a não-formal e a informal constroem uma rede de significados e de possibilidades diversas nos processos de aprendizagem.

Os conteúdos e conceitos desenvolvidos na escola devem propiciar a discussão sobre as diversas culturas, costumes, tradições, produções/manifestações artísticas e espaços culturais, relacionando esses conhecimentos, formais e não-formais, ao presente e ao passado. É necessário incorporar ao ensino formal (escola) conteúdos e conceitos da educação não-formal, por exemplo, os conhecimentos referentes ao contexto social, econômico, político, artístico e à origem cultural de alunos e professores (PILLOTTO e STAMM, 2007, p. 31).

Por isso a importância da família na escola, trazendo seus conhecimentos juntamente com o das crianças, sendo mediado pelo conhecimento científico da escola, através da figura do/a educador/a.

Percebi um grande envolvimento dos familiares e a vontade de que o projeto se repetisse, uma vez que muitos voltaram à infância ao realizarem as atividades práticas com as crianças, além de ampliarem seus conhecimentos sobre arte e sobre os processos que permeiam uma aula de artes na contemporaneidade. E nas crianças, era visível a alegria de estar com seus familiares em uma sala de aula, onde todos estavam sintonizados no que propomos.

Acolher as famílias dentro da escola torna-se uma das melhores atitudes para incentivar e colaborar na aprendizagem e na socialização dos alunos, tornando-se grandes parceiros, pois é um segmento da escola ligado diretamente aos alunos. Já está comprovado que a presença da família na escola propicia aos alunos, segundo Ramos e Ramos (2010, p. 35) “maior rendimento escolar, melhor comportamento social, desenvolvimento das habilidades e maior aquisição das normas e valores necessários a vida educacional desses alunos”.

A participação da família na escola é uma função de responsabilidade, mas torna-se hoje um desafio diante das alterações estruturais por que a família vem passando. As famílias esforçam-se na medida do possível, porém os pais estão distantes da cultura escolar de seus filhos, tornando-se complexa a integração da comunidade na escola (RAMOS e RAMOS, 2010, p. 35).

A presença e a participação da família na escola é uma prática possível, apesar da distância que ainda existe entre escola e comunidade, da “falta de tempo” alegada por alguns familiares e até mesmo do capital cultural, que às vezes é menor em relação aos/as filhos/as, mas este momento acaba propiciando aprendizagem também para os familiares. Na verdade, ocorre uma troca de saberes entre todos os envolvidos. A família dentro da escola vivenciando a prática escolar é uma forma de fazer com que ela se aproxime das questões pertinentes à educação e ao ensino de seus filhos.

De acordo, com Salles (2010)¹⁰, dentre as dez lições para uma escola como o Colégio Vértice da cidade de São Paulo ostentar o título de o melhor do Brasil, de acordo com o Exame Nacional do Ensino Médio, uma delas é organizar eventos para os pais, ou seja, trazer os familiares, integrando a família, a escola e a comunidade.

Quando se tem a vontade de fazer um projeto diferenciado rompendo com a forma tradicional a qual estamos acostumados nos espaços escolares, e que, mesmo sendo um projeto cujo êxito é satisfatório, mas que não surge das instituições que estão no poder a falta de apoio torna-se notória.

Foi um trabalho quase solitário, no âmbito profissional, contando com a presença de alguns visitantes, mas realmente me senti realizada, e apesar de ter acontecido aos sábados, sem hora extra ou qualquer benefício, com a escola deserta e vazia, a sala de artes estava irradiando arte, conhecimento, interação e sintonia entre todos os envolvidos.

¹⁰ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/dezlicoes-escola-numero-1-584344.shtml>>. Acesso em 12/01/2011.

Muitas crianças pediram para que o projeto retornasse no ano de 2010, o que não foi possível, mas penso que poderá acontecer com outra roupagem, mais ousado e abrangente, contando com apoio das instituições responsáveis bem como dos gestores da escola, com funcionários e professores de outras áreas do conhecimento envolvidos de maneira interdisciplinar, a inclusão da informática, já que alguns familiares ainda não tiveram a oportunidade de ter acesso a esta tecnologia. Deve estar presente também na continuidade do projeto a arte contemporânea, o tema do meio ambiente e arte, visto que a escola tem a preocupação constante com a sustentabilidade, bem como incentivar a ampliação do número de famílias participantes.

Sei que este projeto, de alguma forma, modificou a visão ainda presente no senso comum de alguns familiares, de que a arte não tem valor e que a disciplina de artes não é importante, pois já é sabido que a arte deve estar acessível a todas as camadas sociais, bem como o acesso as mais diversas formas de arte dos mais diferentes povos e culturas. Parece impossível acreditar que ainda existe a discussão sobre a presença e a importância da arte na escola e a constante batalha a qual temos que travar em muitas situações para defendê-la. Ao despedir-me de cada família pedi que fizessem uma avaliação oral e todas foram positivas, com pessoas oferecendo-se para colaborar na possibilidade de reedição do projeto.

Espero que esta minha experiência sirva de mote para que os outros profissionais em educação, não desistam deste sonho que perdura no coração de muitos, a realização de uma escola melhor, para a construção de pessoas melhores, com mais dignidade, cidadania e justiça.

As novas condições de trabalho docente exigem dos professores mais do que competências no ato de ensinar, exigem qualidades e atitudes pessoais como interesse, paixão, paciência, vontade, convicções, criatividade e outras não passíveis de ser padronizadas, tampouco desenvolvidas em cursos e capacitações formais. Nessas condições é a pessoa do professor, com seu modo de ser, conviver, interpretar o mundo que se passa a estar envolvida na qualidade do trabalho e não apenas no cumprimento de uma função definida no nível sistêmico (BARRETTO e GATTI, 2009, p. 232).

Meu agradecimento carinhoso as pessoas que de alguma forma colaboraram e prestigiaram o projeto e a todos os meus alunos, alunas e seus familiares que fizeram este projeto acontecer. Não imaginava que proporcionando um momento como este, a pessoa mais feliz seria eu.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASÍLIA. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: CNE, 2005.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. A perspectiva multicultural crítica no ensino de artes. ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP. **A Arte em pesquisa: especificidades**. Anais do 12º Encontro Nacional da ANPAP. Maria Beatriz de Medeiros (Org.). Brasília: ANPAP, Mestrado em Artes, UnB, 2004, v. 02. p. 125-134.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 23, p. 75-85, maio a ago./2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas, 1985.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 9-21.

RAMOS, Alyson Thiago Almeida; RAMOS, Edina Souza. Os desafios da família nos processos de socialização escolar. **Pátio Revista Pedagógica**, Ano XIII, nº 52, p. 32-35, nov./2009 a jan./2010.

SALES, Heloisa Margarido. Arte da África: leitura de obras. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 163-186.

SALLES, Daniel. **Dez lições da escola número 1**. Veja São Paulo, 03/08/2010. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/dez-licoes-escola-numero-1-584344.shtml>>. Acesso em 12/01/2011.

SOBRE o projeto/Comunidade participativa. Disponível em: <http://www.correiolageano.com.br/lendoerelendo/comunidade_participativa.html>. Acesso em 16/01/2011.

STAMM, Eliana; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte como propulsora da integração escola e comunidade**. Joinville: UNIVILLE, 2007.